

PARTE II – FILOSOFIA: AUTORES E CONCEITOS

A superação política da totalidade a partir do pensamento de Enrique Dussel numa perspectiva filosófica e sociológica

Altair Gabardo Percicotty¹¹

Resumo

O artigo apresentado tem como objetivo a questão da Superação da Política da Totalidade dusseliana numa perspectiva filosófica e sociológica, no que diz respeito às causas de opressão e dominação que se dão pela ontologia do ser principalmente na modernidade. Enrique Dussel trabalha nessa superação a partir da Analética da Alteridade, no resgate dos mais pobres e marginalizados da América Latina e do mundo periférico. O eu dominador ontológico só pode ser superado pela exterioridade e abertura centrada na ética como filosofia primeira através dos pequenos e excluídos. Toda essa fundamentação filosófica se baseia na crítica aos filósofos do centro sendo estruturada pela Erótica, Pedagógica, Arqueológica e Política, definida como Filosofia da Libertação.

Palavras-chave: ética, alteridade, política.

Political overcoming all from the thought of Enrique Dussel a philosophical and sociological perspective

Abstract

The article presented aims the issue of the Overcoming of Dusselian Totality Politics in a philosophical and sociological perspective, with regard to the causes of oppression and domination that are given by the ontology of being mainly in Modernity. Enrique Dussel works on that overcome from the Analectic of Alterity, in the rescue of the poorest and marginalized of Latin America and the peripheral world. The dominating ontological “me” can only be overcome by exteriority and focused openness on ethics as first philosophy through the small and excluded. All this philosophical foundation is based on the criticism to philosophers from the center being structured by Erotic, Educational, Archaeological and Political, defined as the Liberation Philosophy.

Keywords: ethics, otherness, politics.

¹¹Graduado em Filosofia. Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia. Professor na Instituição Serviço Social da Indústria (SESI-PR).

Introdução

Na atualidade há uma grande necessidade de pesquisas que priorizem a alteridade na perspectiva tanto filosófica quanto sociológica, tendo como sentido causas sociais a favor dos marginalizados da América Latina e do mundo, diferente das outras filosofias enraizadas apenas nos filósofos e pensadores centrais europeus. Vê-se a importância de despertar interesses e motivações por filosofias relacionadas à alteridade que vão contra as opressões e injustiças em favor dos pequenos.

O presente artigo científico foi elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica tendo como tema: A Superação da Política da Totalidade a partir do pensamento filosófico de Enrique Dussel numa perspectiva filosófica e sociológica. Como objetivo geral do artigo, buscou-se a partir de Dussel, compreender a possibilidade de superação da Política da Totalidade. Os objetivos específicos são apresentados em cinco partes. A primeira parte tratará da biografia de Enrique Dussel, sua vivência e a importância de suas obras, influências e comprometimento com as causas de defesa da vida, principalmente dos mais frágeis do planeta. Na segunda parte é apresentada a Erótica da Libertação relação homem e mulher. Na terceira parte discute-se a Pedagógica da Libertação na relação pai e mãe com filhos e filhas, ou educador-educando. A Arqueológica da Libertação a partir da relação com o absoluto na forma anti-fetichista é a discussão realizada na quarta parte. Por fim, na quinta parte desse trabalho, apresenta-se a discussão sobre a Política da Libertação com irmãos e com cidadãos. Estas dimensões acontecem simultaneamente de diversas formas complexas, distintas e se completam mutuamente.

Através do pensamento filosófico dusseliano é construída uma estrutura crítica a toda razão metafísica ontológica do ser, pois ela sempre será radicalmente dominadora e opressora. Dussel, a partir desta crítica, reconstrói originalmente uma nova metafísica filosófica, centrada na ética como filosofia primeira por meio da analética.

1. Vida e obras de Enrique Dussel

Enrique Dussel nasceu na Argentina num povoado localizado a Oeste do país, chamado La Paz, em Mendonça, local importante como polo de produção de vinho e azeite. Seu nascimento foi numa aldeia camponesa simples e pobre em 24 de dezembro de 1934, sendo se pai médico e com formação conservadora e positivista. Apesar de seu avô ser alemão socialista, o pai de Dussel foi um médico venerado, pois atendia a todos a qualquer hora, principalmente os enfermos mais pobres não cobrando pelas consultas. Fundou a "Clínica Social Del Pueblo" tendo grande influência social. A mãe de Dussel era de origem italiana, mulher engajada na igreja católica, principalmente nas obras sociais, fundou um clube de tênis, presidia a associação das mães na escola, sendo também pianista e professora de francês. Seus pais exerceram grande influência na região em que criaram Dussel,

contribuindo em sua formação desde a primeira infância para um espírito crítico e comprometido com os pobres através das causas sociais. Sua infância foi marcada pelas injustiças que o povo argentino sofreu no contraste entre a miséria econômica e a fartura agrária, causando injustiças e opressões, levando o filósofo desde cedo a ir tomando consciência da necessidade de uma filosofia defensora dos pequenos.

Dussel teve uma infância, adolescência e juventude saudável e fértil, participou de movimentos sociais e pastorais como militante da Ação Católica, sempre integrado e inserido em ações como trabalho com crianças especiais, tendo experimentado a profunda experiência de alteridade do amor ao próximo durante sua adolescência, também praticava esportes da região como o andinismo (escalar os Andes), parecido com o alpinismo, ganhando o importante concurso de São Bernardo, ajudando-o futuramente em suas viagens para o exterior. Estudou na Escola Técnica Agrícola, na Escola de Belas Artes da Universidade Nacional de Cuyo e tinha grande interesse por leituras teológicas, políticas e éticas como a de São João da Cruz, Teresa de Ávila e São Bernardo, participando também de grêmios estudantis. cursou cinco anos de Filosofia tradicional na Universidade Nacional de Cuyo, especificamente sobre a terceira escolástica, estudando o grego, o latim, o alemão e o francês nas obras filosóficas principais exigidas a partir dos textos originais em autores como: Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes, Leibniz, Scheler, Heidegger e outros. Ajudou a fundar a Federação Universitária do Oeste (FUO), presidiu o Centro de Filosofia e Letras (CEFYL), fundou e presidiu conhecidas associações como a Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA), a *Ecumenica Association of Thural World Theologions* e a *Asociación de Filosofía y Liberación (AFYL)*. Foi fundador da Revista de Filosofia Latino-americana de Buenos Aires.

Formou-se como licenciado em Filosofia em 1957 com 23 anos, sendo a sua tese da Licenciatura relacionada ao "Bem Comum Entre os Gregos". Em seguida partiu para a Europa e Israel através de uma bolsa de estudos. Fez uma viagem simples de barco passando por várias cidades e países experimentando as belezas e diversidades, mas também a riqueza e a pobreza em contrastes dos continentes indo até Barcelona na Espanha. Toda experiência nova vivida por Dussel colocava-o num despertar do quanto os latinos são discriminados pela imponência européia influenciando sua formação para a ética, pois percebe que a América Latina se encontra fora da história mundial. No Colégio Guadalupe em Madrid, conviveu com outros estudantes da mesma origem e realidade. Fez então uma verdadeira peregrinação por cerca de dez anos de 1957 a 1967, iniciando em Madrid seguida de dois anos no Médio Oriente (Israel, Líbano, Síria, Jordânia, Egito). Foi também para a Grécia, Itália, França, Alemanha e outros lugares tentando descobrir no *ethos* do homem do deserto, os antecedentes do espanhol, do nativo da América Latina, assumindo a partir da experiência européia a recuperação do mundo simbólico popular latino-americano na história do existir mundial. Fez a experiência da pobreza radical pedindo esmolas para comer, dormindo no relento e percorrendo várias cidades dentro da Espanha, Itália até Israel contando com a ajuda do

sacerdote francês Paul Gauthier que o apoiou possibilitando-o trabalhar como carpinteiro.

Radicado na Espanha, seguiu seus estudos filosóficos na Universidade Complutense de Madrid. Em 1959 apresentou sua tese em que investigou o bem comum e obteve o doutorado. Quando volta em 1961 depois de dois anos de experiência de trabalho normal em Nazaré, já falava hebraico com os árabes palestinos. Dussel começou então os estudos na França meditando sobre a obra *Symbolique Du Mal* passando a ser base do projeto filosófico latino-americano. Sua experiência no Oriente Médio determinará suas reflexões a partir da oportunidade de vivenciar a pobreza e a exclusão.

Sua obra "O Humanismo Helênico" é escrita na França. Nesta obra buscou definir claramente as contradições insuperáveis das reflexões na filosofia grega clássica, a ideia de *pólis*. Dussel reutilizou a tese do doutorado e escreveu essa obra como hermenêutica dos símbolos com vista a uma filosofia hermenêutica da cultura latina-americana. Uma antropologia, uma ontologia e uma ética indo-européia.

Toda civilização possui um sentido, embora este sentido esteja disperso, inconscientemente e seja difícil de captar. Todo este sistema está organizado em torno de um núcleo (NOYAU) ética mítica que estrutura os conteúdos intencionais finais de um grupo e que poderá ser descoberto através da hermenêutica dos mitos fundamentais da comunidade. (DUSSEL, 1979, p.69).

A obra "O Humanismo Semita" é terminada em 1964 na França a partir de uma profunda experiência do povo hebreu na busca de uma opção preferencial pelos pobres, sendo a ética e a política integradora de uma vivência radical profética. Também na França Dussel faz bacharelado em teologia escrevendo a obra "O Dualismo na Antropologia da Cristandade: desde a origem do cristianismo até antes da conquista da América". Fez também doutorado em História, trabalhando como bibliotecário universitário na Sorbone. Viajando à Alemanha em 1963 conheceu sua futura esposa Johanna Peters com que se casou e teve um casal de filhos. Dussel manteve contato com Joseph Lortz e entre 1964 e 1966 estudou no Arquivo de Índias de Sevilha obtendo um título em estudos de Religião no Instituto Católico de Paris, em 1965. Seus estudos pela história da igreja no período da colonização da América influenciaram no seu Doutorado em História com a tese *Lês Evêques hispano-americains, defenseurs et evangelisateurs de l'indien (1504-1620)*, retornando para Argentina em 1968.

Em Mendoza, Dussel lecionou na Universidade Nacional de Cuyo sobre ética, sendo suas aulas também sobre fenomenologia, abordando filósofos como Heidegger, Merleau Ponty, Husserl, Marx entre outros. Porém, entre 1969 e 1973 iniciou uma nova fase de reflexões e aprofundamentos encaminhados para publicações relevantes pela originalidade. Iniciou-se a formulação de uma possível filosofia da libertação indo de encontro com Heidegger, Husserl e Marx, pois Dussel filosofava ainda numa perspectiva passiva frente à libertação América Latina relacionada aos mais pobres e marginalizados, recebendo muitas

críticas. Dussel iniciou então, uma nova fase filosófica buscando mais profundidade e personalidade com maior independência no campo da filosofia, procurando formular uma nova dialética a partir de Hegel e Marx, onde produziu a obra "Para Uma Destruição da História da Ética". Neste período histórico Dussel estava ministrando um curso de ética ontológica dentro de uma linha heideggeriana em Cuyo, quando um grupo de filósofos descobriu Emmanuel Levinas (*Totalit et Infinit*). Passou então a ética de Dussel para uma ética de La Libertacion Latino-americana. "A Exterioridade Metafísica do Outro" (em Levinas).

Emmanuel Levinas foi um judeu naturalizado francês que viveu as atrocidades do campo de concentração nazista por muitos anos formulando a filosofia da alteridade (o reconhecimento do outro). Inicia-se aqui a superação das ontologias de Hegel e Heidegger.

Esta nova etapa histórica na vida de Dussel se dá no despertar do sonho ontológico o fato opressivo da dominação em que sujeitos se constituem "senhores" de outros sujeitos, no plano mundial desde o início da expansão européia em 1492 que deu origem a modernidade. (Centro periférico no plano nacional, classe operária e povo); imperial, elitista versus cultura periférica (classe popular), entre outros; no plano religioso (o fetichismo em todos os níveis). O outro como o outro "Autrui", como pauper (pobre), o índio massacrado, o negro escravo, o asiático das guerras do ópio, o judeu nos campos de concentração, a mulher objeto social, a criança sujeita a manipulação ideológica, a juventude, a cultura popular e o mercado subjogado pela publicidade não conseguindo tomar como ponto de partida pura e simplesmente a estima de si mesmo. O assumir-o-outro é anterior a qualquer consciência reflexiva é o "ato de justiça". Dussel aprofunda e promove essas questões filosóficas, retomando um dos maiores expoentes através da filosofia da libertação e do pensamento latino americano em geral.

Nesse processo histórico nasceu uma ética da Libertação Latina americana, a partir de seis conferências abordando temas específicos como: outro, mesmo, exterioridade, metafísica e outros como o Congresso de filosofia em Córdoba, priorizando uma filosofia mais especificamente latina americana. Por meio da filosofia da linguagem com base de fundo na fenomenologia hermenêutica se descobre um "faminto" diante de um "não tem pão", isto é, deixa-o sem produto para consumir, por pobreza ou porque lhe roubam o fruto do seu trabalho, neste ponto, Levinas não pode ajudar mais tão abrangentemente nas reflexões, porque mostrava a irrupção do outro, mas não se podia construir uma filosofia (erótica, política, pedagógica e antropológica), que questionando a totalidade vigente (dominadora do Outro), pudesse construir uma nova totalidade. Foi nesse processo histórico que a filosofia da libertação dusseliana transformou-se assumindo outras funções muito além de superar a ontologia de Hegel e Heidegger que serviam de dominação, pois ocultavam e impossibilitavam a identificação original de culturas próprias da América Latina. Neste período, Dussel recebeu dois títulos: doutor honoris de filosofia da Universidade de Friburgo, Suíça e em teologia (1981) pela Universidade de San Andrés, Bolívia 1995.

A maior contribuição de Enrique Dussel é a criação da Filosofia da Libertação, onde

faz crítica ao método filosófico clássico, propondo a analética como um novo método de pensamento crítico integral sobre a realidade humana. É um filósofo contemporâneo que participa até hoje do universo filosófico mundial, tendo uma inserção profundamente comprometida com as causas sociais, culturais, científicas, econômicas, religiosas, ecológicas e políticas no compromisso com a vida do planeta principalmente a vida mais frágil e carente da sociedade. Enrique Dussel é um filósofo referencial na luta pelos pobres da América Latina e do mundo. Para entender melhor a vida e obras de Dussel, é preciso mergulhar em seus pensamentos e escritos, por isso os próximos capítulos tratarão sobre a dialética e a metafísica dusseliana.

2. A erótica da libertação

Para Dussel:

A analética da Alteridade realiza-se em real concreção entre homem-mulher, pais-filho, irmão-irmão. Todos estes encontros podem dar-se na modalidade do livre-livre (Eu - o Outro), pedagogo - educando (Eu - o Outro imaturo), dominador-dominado. (DUSSEL, 1977, p.121).

O primeiro encontro é estabelecido entre os mais distintos, a partir do “Outro” busca-se constituir uma unidade semelhante ao “Mesmo”: mulher-homem no mundo doméstico. É a primeira maneira de se dar a alteridade, no face a face entre homem e mulher, do Eu ao Outro que procria e envolve toda outra possível alteridade humana, segundo Dussel, também expresso pelo filósofo argentino como boca a boca bíblico: “Ah!, beije-me com ósculo de sua boca” (Cântico dos Cânticos 1,1). Dussel aborda em sua obra a diversidade da fenomenologia do Eros, tanto na ontologia da Totalidade, ou a partir da metafísica da Alteridade. Dussel mostra que para Platão e Aristóteles, considerado pelo filósofo, "ontólogos da totalidade", o Eros em seu sentido próprio e pleno é tendência do “mesmo” para o “mesmo”. A ontologia da Totalidade valorizará o Eros homossexual (Eros do Mesmo para o Mesmo) e aceitará o Eros heterossexual somente como mediação para procriação de um filho. Para Aristóteles, a finalidade da geração de um filho é deixar atrás de si outro (*heteron*) que seja o mesmo (*autó*) no, ciclo do eterno retorno na perpetuação do mesmo. Geração que é fruto da unidade homem e mulher virtuosos, que tem um tipo especial de amizade incluindo a beleza e a condição sócio-política numa perspectiva utilitária, erótica e aristocrática, sendo o homem “o melhor” (*áistos*) que conduz a casa. Dussel demonstra claramente esta ontologia dominadora:

É pela própria ontologia da Totalidade (não já cosmológica, mas moderno-subjetual), que a mulher passou a ser objeto do homem e pessoa à sua disposição, instrumento doméstico do varão. O próprio Freud com sua teoria de que a mulher é

um ser invejoso do pênis masculino, e depois a psicanálise com a doutrina do orgasmo vaginal, veio criar muitas histerias inexistentes, neuroses inventadas pelo psicanalista e o psiquiatra, sendo que isso tinha como efeito organizar melhor a primazia do homem na sociedade contemporânea. O mesmo é o homem que inclui em seu ser (em sua vontade de poder) a mulher como o outro diferente dentro do próprio horizonte de compreensão. A mulher, como demonstrou Sombart, entra na sociedade moderna a partir do século XVI, primeiro como amante dos príncipes e dos grandes burgueses; depois, como a mulher rica do nobre empobrecido; por fim como a mulher burguesa do burguês cotidiano. Toda a cultura do conforto está voltada para casa e nela a mulher tem um domínio dependente (oprimida oprimadora do filho). (DUSSEL, 1977, p.123).

Historicamente a mulher é marginalizada não sendo respeitada como diferente em seu ser feminino conforme Dussel nos mostra através da "simbólica" abordada em sua obra. As mulheres latinas, principalmente as agrícolas, antes da colonização tiveram um papel importante na história. Elas eram valorizadas tendo muitas deusas como entidades divinizadas, jamais com uso da violência por parte delas, diferente dos deuses masculinos que exigiam sacrifícios de virgens destinadas ao deus Sol, elas eram radicalmente guardadas, se violadas eram mortas os que as violaram sendo seus mais próximos também mortos, inclusive seus familiares. Já a mulher na cultura indígena antes da colonização era considerada dentro da cultura e realidade de seus povos, eram devotamente veneradas e protegidas. *Popol Vuh Alom – Qaholom*, a deusa mãe e o deus pai de tudo, a terra mãe e a lua eram femininas, as mulheres astecas, incas e quase todos os povos pré-europeus da ameríndia eram matrilineares, onde as índias sem os opressores europeus eram colocadas em destaque primordial. “A índia é a mãe da América Latina”.

Além das mulheres indígenas, há também a posteridade das mulheres mestiças e negras-africanas (afro-ameríndias), possuídas, dominadas, usadas, negadas em sua alteridade pelos colonizadores da Europa Central. Tudo deve começar por uma descrição da relação erótica, sendo o *Eros* equívoco, pode ser *Eros* ao Mesmo egótico, ou pode ser aberto ao Outro (*ágape*), que leva a posterior tensão a uma reconstituição de um novo “Mesmo” sem alteridade real; deseja-se e ama-se o outro para constituir um só ser “um de nós”. O Outro será o filho ou tudo que está além da porta da casa. Ao contrário do que pensam os gregos, o ver, pouco tem a ver com *Eros*, mas é apenas o convite através da beleza feminina e não uma realização: dialética do véu no espetáculo do *strip-tease* feminino, ou também não é a atualidade do *Eros*, pois o órgão sexual feminino é interno. A vista só chega ao que sugere. A experiência erótica começa pelo contato, pelo tato, pela delicadeza e a carícia. A ontologia heideggeriana não analisou a questão do prazer da satisfação a partir do tato em satisfazer o apetite. O tatear é a obra pré- ontológica da mão afirmado por Dussel:

Mas o tatear que avança para a exterioridade com pretensão voluptuosa de interiorização em o “Mesmo” (meu mundo) é a pré-história da carícia erótica e daí a equivocidade do Eros: tende a interiorizar o Outro em uma nova totalidade, um o “Mesmo” não absolutamente o unívoco, possível de uma realidade alternativa. (DUSSEL, 1977, p.126).

Em casa no âmbito ontológico habitam muitas ou poucas pessoas a partir do trabalho e da posse (o econômico: *oikos*, “casa” em grego) onde a pessoa passa a ser ela mesma na segurança e no calor do lar. Calor do prazer íntimo como lembrança e segurança do feto no útero materno feminino. A mulher é condição de acolhimento, da interioridade da casa e da habitação conforme afirma Levinas, “a mulher manifesta-se como alteridade primeira”. As paredes da moradia são o prolongamento da carnalidade, aberta a exterioridade, pois a janela permite contemplar sem ser visto e a porta é a passagem do Mesmo para o Outro.

Todo esforço da cultura através do trabalho do homem foi um melhorar a casa fixando a posse asseguradora da permanência como substância para assegurar seu habitat, mas a clausura egótica do Mesmo manifestada pela econômica, doméstica, acumuladora do espírito burguês multiplica os imóveis e as propriedades em dinheiro, ações de banco e empresas, daí o Eros toma a seguinte via como nos atesta Dussel: O trabalho e a posse que deviam dar ao lar (“o Mesmo”) o suficiente para entabular o diálogo alterativo para “o Outro” como serviço e revelação, palavra, transformaram-se na “violência do assassino”.

O *Eros* pode terminar assim! (DUSSEL, 1977, p.127). O *Eros* também deve continuar no Outro, como nunca pensado pelos gregos que só o pensaram como perpetuação do mesmo: o filho da fecundidade, outra pessoa que parte da erótica paterna-materna para o nada inicial do filho que avança para existência. Há uma distinção do amor erótico grego de retorno ao mesmo do puro amor pedagógico e político. É ele mesmo diferente de todo o Outro “único” relacionado a todo horizonte ontológico anterior, portanto livre, procriado como novidade inovadora. Deixa-se para trás o ego cogito como alma incorporal solitária, ou consciência individual hegeliana fechada na dialética do absoluto sem renovação criadora, mas sim a fecundidade vem da categoria metafísica aberta ao novo, por isso não sou meu filho, não o possuo mas tenho uma relação analética levando a explanação ao próximo subtítulo.

3. A pedagógica da libertação

O segundo encontro, como parte do mundo doméstico e como prolongamento pedagógico (o cultural no sentido restrito e diferente do econômico): pais-filhos (mestre-discípulo; filósofo-não filósofo; profeta-povo; partido político-demo, entre outros). O filho livre e autônomo, outro distinto se inicia no útero materno como relação essencial em sua constituição que origina sua organização ontológica: na discussão dialogada com o Outro na alteridade pedagógica através do qual a origem da procriação penetra a história que o

antecede dentro do qual se cumpre sua função messiânica (*meshiyah* do hebraico “azeite” que unge o ungido, cada filho é ungido com seu destino intransferível e único). O filho é como tabula rasa sendo possibilidade para um mundo futuro embora ainda sem sentido e indigente necessitando de tudo o que será a sua história de vida. Neste primeiro momento do procriado, mas ainda não plenamente criado, é que a Alteridade realiza a função metafísica ética da pedagogia. A criança segundo (*paidos* em grego) necessita de graus de perfeição devendo ser conduzida pela mão para o seu próprio projeto. Sendo este tempo pedagógico na vida humana, a continuidade de sua história e prioritariamente conforme diz Dussel que a Alteridade metafísica é a ética do próprio ser do homem:

Em nove meses (desde a fecundação até o parto), o homem passa de unicelular a criança recém-nascida que lança seu primeiro grito histórico (os quatro milhões de anos de vida do nosso planeta são percorridos ontogenética e intra-uterinamente); desde o nascimento até sua autonomia adulta (nunca total) o homem percorrerá pela “analética do ensinamento” os mais de dois milhões de anos que o homem existe sobre a terra. Este processo pedagógico não é retorno nem repetição, nem recordação, nem maiêutica: é inovação; é aprendizagem; é retornar ao começo e partir de um pólo distinto “ou semelhante”, mas, por isso mesmo, agora novo. (DUSSEL, 1977, p.129-130).

A analética pai-filho já é a relação pedagógica sendo os pais anteriores histórico-cultural (ontológica e metafisicamente); o filho é o novo aberto a novas possibilidades de aprendizagem. Os pais, os mestres, os jornalistas, os artistas, os políticos, os filósofos quando são autênticos vivenciam a posição analética relacionada aos filhos, discípulos, povo, entre outras.

A analética pedagógica está centrada sobre um certo grau de amor paterno-materno-filial não sendo o amor *Eros*, mas o amor de amizade que, embora às vezes equivocado, pode revelar algo ao discípulo, tornando-se menos equívoco a medida que o mestre ame mais gratuitamente o discípulo (na alteridade), cuidando para não cair numa mera amizade utilitarista. Na ontologia grega ou moderna da totalidade, a dialética de ensino é abordada, resumida em Platão, sendo o *Eros* o amor a si mesmo e o amor ao supremo e divino: o mestre, o filósofo, o político, ou o pai, compreende o filho como “Mesmo” reproduzindo no educando a recordação do esquecido, o Uno-plotiniano. Segundo Dussel a doutrina do Rig-Veda ou o budismo ensina o mesmo com variantes secundárias (amor as idéias) conforme Platão define (amor ao Mesmo). Na época moderna o discípulo é admitido como tabula rasa sendo a pedagogia, à luz do resgate dessas ideias, ou a doutrina originária do *ego cogito* (absoluto hegeliano) que a partir de si, inventa, produz e representa, sendo a reiteração no âmbito da totalidade do mesmo e que nos demonstra a pedagogia moderna como também em Heidegger que a realidade seja descobrimento. Para Sócrates é recordação do que foi

esquecido, ou maiêutica no parir o saber. Diz Dussel:

A analética do ensino, o que supõe ir além da noção de filosofia como maiêutica ou como pensar o interpretado, supera a falsa antinomia entre a aprendizagem como simples recordação e a pretensão de que inventamos tudo a partir do ego. (DUSSEL, 1977, p.131).

No face a face, a exterioridade do mestre filósofo e do discípulo não filósofo, ou o pai diante do filho que é o outro nascido distinto, é constituída a Alteridade original e essencial do mundo da totalidade, sendo a pedagogia prévia à ontologia, portanto, o Outro é prévio a imersão a partir do Mesmo. Na obra "De Magistro" de Santo Agostinho, pensa o filósofo que somente falamos para ensinar, e que em última análise, se pode ensinar pela recordação, ou Deus o faz: "No íntimo da alma racional, que é o que se chama homem interior". Se vê que desaparece a Alteridade humana, do face a face incluindo a carnalidade deixando de ser expressa a exterioridade de Deus.

Na pedagogia da libertação o discípulo enquanto distinto tem um novo projeto histórico de ser homem real e historicamente, não podendo simplesmente ser depositado nele conhecimentos já adquiridos onde é simplesmente tratado de ensinamentos para a memória ou recordações, mas promover o existir já adquirindo a partir da situação existencial do discípulo de maneira tal que sua relação choque a confundir-se com a própria invenção problematizadora, ou seja, estabelecer uma analética alterativa pedagógica que supere a superficial distinção entre pai-filho, discípulo-mestre, impossível de pensar dentro da ontologia da Totalidade. Portanto a autêntica palavra do mestre deve ser profética sendo *profecia* que vem do grego *pro*=diante; *femi*=falar, expressar-se. O profeta é aquele que fala "diante do" Outro sobre o "sentido" do presente histórico (isto na tradição histórica hebraica) conforme prevê Dussel segundo a citação bíblica: "Ouvi, isto, anciãos; prestai atenção com os vossos ouvidos, habitantes do país. Porventura aconteceu algo igual mesmo no tempo dos vossos pais?" (Joel 1,2).

A analética para além da dialética ensina que o processo dialético se move a partir do "Outro". O mestre e o discípulo sempre aprendem simultaneamente tendo a necessidade de novos saberes (do nascimento à morte). Nenhum discípulo é só discípulo e nenhum mestre é só puramente mestre, porque se originam em distintas histórias universais. O jovem por mais discípulo inexperiente é o Outro metafisicamente. O que é verdadeiramente mais apreendido é pela alteridade entre mestre e discípulo que surge do nada. A anterioridade da humanidade e do mestre como o Outro global, desenvolve e soma os conhecimentos e não fica já no dado anterior, mas sim transcende os conhecimentos de maneira crítica como novo, como único, como criação. Conforme atesta Dussel:

O autêntico magistério é a tarefa perigosa, arriscada; significa uma práxis, um

compromisso existencial e às vezes leva até a pôr em jogo a vida física. É que na dialética degradada do Eu-o Outro pedagógico, o eu-educador (pais, sociedade) chega a transformar-se num “se” impessoal (a falsa tradição; o sofista que ensina academicamente para viver de sua docência teórica e irreal); o Outro educando (filho aluno de uma sociedade massificada pela opulência ou pela opressão) transforma-se no “isto” também impessoal, que se deve “encher” de conhecimentos “tradicionais”, “seguros”, “objetivo”. O autêntico mestre começa um novo processo, o caminho inverso da decadência ou da degradação; inicia um caminho que destrói as ataduras da liberdade do outro e que em posição crítica o chama a recuperar a sua atitude pessoal. Nisto o mestre já é “um homem novo” e vive a proximidade do face-a-face antecipadamente. (DUSSEL, 1977, p.134).

Dussel propõe que o mestre pode alcançar um nível livre e autônomo na relação Eu-o-Outro, do face a face entre livres à medida que faz frente resistindo à luta daqueles que fizeram da guerra “o próprio exercício da razão, promovendo homens livres. Os discípulos - Outros tornam-se irmãos, pois passam de alienação como Outro distinto a serem só a diferença interna da totalidade através da libertação pedagógica. “É bom que ele (discípulo, novo mestre) cresça e eu (como mestre) desapareça” (Jo 3,30).

O filósofo para Dussel é pedagogo do não filósofo, não por saber mais, mais por ser o mensageiro que vai adiante para preparar o caminho através de métodos cujo o conteúdo é o projeto do Outro imprevisível e transcendente.

4. A arqueológica da libertação

Também chamada por Dussel de anti-fetichismo, a Antropológica dusseliana integra as outras fundamentações filosóficas: a Erótica, a Pedagógica e a Política. Embora esta abordagem seja histórica ela se fundamenta com mais profundidade a partir da modernidade. Descartes através do "Discurso do Método" contribui como formulação teórica da fetichização da totalidade do eu estruturando toda experiência como extensão do “mesmo”.

Se constrói um endeusamento em volta do “eu” ocasionando ideologicamente a morte do sagrado, ou seja, a “morte de Deus”. A Antropológica remete à filosofia as diversas opressões: o da mulher, do filho, do irmão, do educando e, segundo Dussel a todos numa visão de conjunto, sendo jamais possível a elaboração de uma filosofia verdadeiramente real e libertadora se não for estruturada de forma aberta e abrangente.

Na modernidade se justificou as conquistas e opressões da América Latina. O “eu” dominador por Descartes como dito fundamentou-se também por Espinosa onde busca afirmação que o eu é uma substância divinizada pelo próprio eu europeu, depois Hegel estrutura sua filosofia centrada também nesse fundamento, ou melhor, em três níveis de espírito: o subjetivo (própria natureza), o objetivo (história e cultura), e o absoluto (arte,

religião, filosofia), mas esses todos níveis fundamentados na dialética do eu absolutizado.

Depois de Hegel o próximo filósofo de extrema importância na reflexão dusseliana quanto a Antropológica é Feuerbach. Ele prega que o ser absoluto, o Deus dos homens, é o seu próprio, ou seja, Deus é a própria autoconsciência do homem, definido através do “sensismo” que só há antropologia, nada mais. Marx coloca sobre o endeusamento do dinheiro que deve ser negado, observando o ateísmo nesta negação. O ateísmo moderno nasce com a radicalização do Iluminismo Francês perpassando pelos pensadores apresentados acima também com a forte presença de Nietzsche que exclamou a morte de Deus, ou a própria psicanálise no ateísmo psicanalítico em Freud e outros pensadores como Kant. Não se consegue esgotar ou fechar a reflexão do problema do outro absolutamente outro que segue sendo um tema que ganha grande sentido na antropológica. A negação da fé pelo ateísmo, da espaço para outros deuses, pois o povo tem uma profunda e infinita simbologia fundamentada na fé ao transcendente. A antropológica trata destas questões, da fetichização da totalidade do eu, pois o povo oprimido não cria só o produto do seu trabalho, mas cria mitos e símbolos jamais sendo correto negar esses símbolos autênticos para se colocar no lugar a afirmação dos valores do próprio sistema dominador e opressor.

Se o ser é o fundamento de todo o sistema, e do sistema de sistemas que é o mundo cotidiano, afirmamos agora que a realidade também além do ser, assim como há cosmos além do mundo. O ser é como o horizonte para onde e desde onde se manifestam os fenômenos do mundo. Ora, além do ser, transcendendo-o, há ainda realidade. (DUSSEL, 1977, p. 47).

Só haverá uma política de libertação, conforme afirma Dussel, através da afirmação do absoluto contingente, que está além do sistema e de qualquer redução ou fechamento.

5. A política da libertação

Os filhos, fruto da fecundidade, são entre si irmãos. Depois que conclui o processo pedagógico de filhos adultos constituindo novas famílias acontece a última parte do processo analético iniciado como *Eros*, terminado como “amor-de-justiça”, ou política. O “face a face” do irmão diante do irmão, cidadão diante de cidadão e assim sucessivamente ou também segundo Dussel é o Eu- o - Outro fraterno descrito no âmbito de Alteridade. O Outro é verdadeiramente o outro quando se atinge níveis mais profundos com relação a sua exterioridade, ou quando é mais plena a sua exterioridade transversal relacionada ao horizonte de compreensão. Na Alteridade quanto ao âmbito político a viúva está para além da esposa, para além do filho está o órfão, nesta mesma perspectiva o indigente, o estrangeiro, o inimigo, o pobre, os pequenos oprimidos etc. Se vê, a radicalidade da opção pelos da opção pelos fracos e miseráveis. Quanto mais a opressão da vida acontece, mas a Alteridade deve se

fazer presente. Diferente da ontologia da totalidade de o mesmo que é uma filosofia de guerra. Dussel propõe uma ética da paz, embora, para que haja uma autêntica alteridade, as vezes é preciso usar da violência justa na abertura da totalidade fechada e opressora.

Mas como se dá esse “face a face”? Dussel nos mostra o (Eu, o “Mesmo”) no “face a face” a partir de um exemplo de extrema alteridade, naquele que é completamente estranho e até suspeito que está fora e na extremidade da coexistência. Quase morto com dor, a beira do caos, assaltado e espancado por ladrões. E foi salvo por um desconhecido samaritano que passava de viagem apenas por misericórdia, viu seu rosto no “face a face”, sua carne maltratada e se abriu a outra ordem trans-ontológica metafísica para o Outro. Extremidade que é o “Outro” como outro transversal ao horizonte de o “Mesmo” superando a necessidade pelo desejo, ou para ser mais claro o “amor de justiça” centrado no amor ágape. Mas como é possível este salto para além do ontológico que arrasta ao amor de justiça? Dussel trabalha em seu pensamento questionando o equívoco do mistério dessa exterioridade principalmente em Aristóteles que dizia que a característica da verdadeira amizade é ter fé mutuamente. Dussel responde que nem a fé, nem a opinião, nem a compreensão podem ser acerca do visto. Uma é a ordem do saber ontológico como Totalidade, outra, a ordem metafísica da Alteridade de “acredito” livremente. (*creditum*). Diferente da fé racional noumenal em Kant, assim como diferente de assumir a fé no saber absoluto em Hegel, mas abrir-se ao âmbito da fé metafísica ou ética que é “com-fiança” (cum-fides: com fé). Os filósofos modernos citados confundiram fé com a ontologia. Conforme nos explica Dussel:

É necessário superar a idéia de que entre a fé e o saber se dá a mesma relação que entre a probabilidade e a certeza”. Mas esta fé, abertura meta-física ao Outro como com-fiança e espera, é negada com relação ao Outro como outro: ficamos expostos diante de seu rosto, mas não irrompemos em seu mundo em sua Totalidade. (DUSSEL, 1977, p.139).

Portanto, o grande salto como resposta dusseliana é a benevolência como origem da amizade (arché filias) explicado por Levinas como: “O desejo metafísico não aspira ao retorno, pois é desejo de um país onde nunca habitamos”. Benevolência para Dussel é amar alguém querendo seu bem, seu projeto futuro, amar sua alteridade, sua outridade sem querer nada em troca. É gratidão aceitando o Outro como incompreensível que se opõe a totalidade ontológica sendo denominada a analética do servir.

Esse amor ao Outro como exterioridade é vivido com mais profundidade a medida que o miserável é atendido com clareza e gratuidade no amor de justiça acontece a misericórdia ou (com-paixão) da miséria do Outro, que é compromisso natural pela vocação do ser. Um compromisso de minha parte, conforme afirma Dussel. Esse processo funde a verdadeira paz centrada no que ama com benevolência a serviço do irmão caído, miserável. A metafísica da Alteridade nos remete a “vontade de serviço”; a ontologia da totalidade, ao

contrário da “vontade de domínio”. Confiança no amor a justiça pela analética de serviço; ou desconfiança a partir do outro como inimigo (ódio) estabelecido na dialética da dominação. Dussel expõe:

Alteridade, paz, serviço, justiça opõem-se assim a Totalidade, guerra, domínio, ódio e injustiça. Produz-se então uma degradação da analética do face-a-face, em seu cotidiano e maligno “Se-ele” do Senhor-escravo (com um sentido diferente daquele em Hegel ou mesmo em Marx). (DUSSEL, 1977, p.140).

No aprofundamento do tema a partir de Dussel é propício observar um pouco sobre a dimensão simbólica da dominação Ameríndia, buscando novamente no Império Inca onde o primeiro inca era o filho do sol que governava e dirigia o império de uma forma muito mais humana, fraterna e democrática antes da colonização europeia conforme o Inca Garcilaso apresenta. Quando o homem casava-se recebia para sua mulher uma quantidade suficiente de terras para serem cultivadas aumentando-as conforme o crescimento de sua família. Somente a filha não perdia as terras quando constituía nova família, diferente do filho que perdia parte da terra. Eram priorizadas a cultivo das terras dos enfermos, viúvas, depois as próprias, ficando as terras dos líderes incas por último, para cultivo num âmbito mais verdadeiramente socialista conforme sua realidade, diferente da hierarquia dominante e opressora europeia, onde sempre o povo mais simples é excluído, dominado e inferiorizado pelos seus superiores. Arrancavam os bens preciosos como ouro, prata, madeiras nobres como o pau-brasil e diversas matérias primas até os dias atuais saqueados e violentados pelo poderio estrangeiro. Todas as riquezas proviam do trabalho dos pobres.

Uma troca injusta entre capital, mão de obra e matéria prima assaltando irreversivelmente toda nossa América Latina pelo egoísmo oligárquico dos países do centro. Passa-se do colonialismo hispânico para o inglês, sendo também no futuro dos Estados Unidos e outros países. O irmão-irmão demonstra a exploração econômica-política centrada na relação do homem com a natureza através da cultura. Toda relação do homem versos a natureza são as relações que determinam diferentes estruturas políticas.

Cita-se o grande exemplo dos índios Tupis-guaranis através da citação de um dos chefes da tribo:

O presidente deseja comprar nossa terra. Mas como é possível comprar ou vender o céu, ou a terra? A idéia nos é estranha. Se não possuímos o frescor do ar e a vivacidade da água, como vocês poderão comprá-los? Cada parte desta terra é sagrada para meu povo. Cada arbusto do pinheiro, cada porção de praia, cada bruma na floresta escura, cada inseto que zune. Todos são sagrados na memória e na experiência do meu povo. (...) o que acontece à terra, acontece a todos os filhos da terra. (...) Quando tudo desaparecer, será o fim da vida e o início da sobrevivência.

(CAMPBELL, JOSEPH. p.34).

A natureza é a mediação máxima entre o igual para o igual centrada na economia (*oikonomike*) em grego *oikos* que é casa, representando a significação da economia doméstica que envolve a erótica, a pedagógica a política e a arqueológica como dimensões culturais na relação do ser humano com a natureza. Os problemas históricos fundamentais que colocam em risco o ecossistema não respeitam os elementos principais que envolvem a terra como o ar, a água, a luz comprometendo todo o planeta (os quatro elementos essenciais aos seres vivos).

O aprofundamento dusseliano volta a abordar as causas que estruturam o domínio pelo poder através do pensamento moderno. Séculos antes que se inaugurasse universalmente a expressão ôntica-ontológica do pensamento moderno ego cogito cartesiano, que culminará pela expressão em Nietzsche na “vontade de poder. O primeiro âmbito cultural que suporta como momento originário da compreensão do ser é a vontade conquistadora. Depois o domínio da América Latina através dos índios pelos colonizadores. Também a influência das cruzadas cristãs, sem negar a presença do homem burguês que de cristão nada tinha, definido por Dussel como terceiro homem e a grande construção do saber fabricada pelos filósofos do centro, direcionando a política a uma anti-política cultural humana.

Quando praticamente a conquista da América Latina havia sido terminada aproximadamente no ano de 1620, desde o México, Caribe, Peru até o Brasil, aparece logo em seguida a obra "O Discurso do Método", que é o manifesto do homem moderno reduzido a um ser que pensa e que se desencadeia a mera “vontade de poder. Esta ontologia do sujeito é a que produz ou se não intensifica o domínio imperial norte-atlântico (Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra) somando com outros países continentais culminando no Oeste com os Estados Unidos e no Leste com a Rússia como vontade universal de domínio, ou historicamente como dialética de dominação, criando a relação de dependência de um irmão com relação a outro irmão ou simplesmente deixando de lado a fraternidade e em seu lugar construindo o domínio. Parece que Nietzsche não viu que se há vontade de poder, há alguém que deve sofrer as conseqüências desta vontade como escravo. Dussel volta a explicar o contexto através da simbólica:

A elite européia dedicou-se a fabricar uma elite indígena (sub opressora); selecionavam-se adolescentes, que eram marcados na fronte, com ferro candente, gravando neles os princípios da cultura ocidental; introduzia-se em suas boca mordanças sonoras, grandes palavras pastosas que aderiam a seus dentes; depois de uma breve estada na metrópole, eram enviados de volta a seu país, falsificados. (DUSSEL, 1977, p.143).

O europeu através de sua filosofia universalizou sua posição de dominador e

conquistador, conseguindo pedagogicamente através de suas elites manter os oprimidos numa “cultura de silêncio”. A tarefa filosófica, sociológica e política na América Latina deverá ter um árduo trabalho de superar essa modernidade do sujeito procurando descobrir os traços desse sujeito dominador, pois a sociedade que projeta e realiza a transformação tecnológica da natureza, altera a base da dominação, substituindo sutilmente a dependência pessoal do escravo com seu dono, pela dependência à ordem objetiva das coisas, ou seja, as leis econômicas e os mercados. A ordem objetiva das coisas é o mesmo resultado da dominação. A filosofia, a sociologia e as ciências transformam-se em meios de domínio, promovendo a não criticidade ao nível metafísico e político, auto domesticando o povo oprimido, para usufruir os benefícios desta opressão.

Dussel mostra que é necessário a emergência de uma filosofia libertadora, que venha da práxis histórica, pensada a partir da existência personalizada do filósofo que profeticamente se libertará como homem novo e promoverá a libertação pela analética pedagógica. Uma filosofia sociológica que crie essa personalização a partir do Eu-Nós diante do Outro, diferente do irmão transformado em lobo hobbesiano pelo domínio de seus irmãos na vontade de poder, inclusive é necessário a re-humanização desses, transformados em lobos. Uma filosofia sociológica não como passividade maiêutica socrática, mas como participação ativa na fecundação, procriação e criação do filho como Outro libertado. Uma filosofia sociológica metafísica da alteridade que constrói promove e sustenta a paz contra os ontólogos da totalidade que pensam a partir da dominação que cria e oprime escravos os "desalmando" pela totalidade aristotélica desde a antiguidade passando pelos modernos até os dias atuais, fechados no “eu” dominador. Somente o amor de justiça fundamentado na confiança e pela benevolência possibilitará a libertação dos mais fracos e injustiçados do mundo conforme Dussel propõe.

Considerações finais

Enrique Dussel é, sem dúvida alguma, um dos grandes expoentes da Filosofia contemporânea, pela sua nobre intelectualidade original e próxima dos excluídos da América Latina. Uma de suas obras mais recentes é a *Ética da Libertação*: na idade da globalização e da exclusão, onde mostra a crítica da tradição filosófica sociológica ocidental globalizadora que, continua excluindo a maior parte da humanidade. Dussel através da Filosofia da Libertação busca interpretar a ética dos marginalizados do capital na atualidade.

Através da analética, tem início a superação da totalidade vigente sendo o ponto de abertura no âmbito metafísico a partir do outro que, ao ser afirmado, supera a totalidade inovando o sistema. A superação é continuada pela interpelação através da escuta, abertura, ou seja, a práxis de compromisso com o oprimido. A superação se dá pelos momentos dessa práxis, portanto, o momento analético supera o método dialético (tese – antítese – síntese) transcende-o para a abertura incondicional ao mistério do outro. O método analético

dusseliano é centrado na opção ética a partir de práticas concretas tendo profunda rigorosidade teórica, mas com uma teoria que é consolidada por uma postura decidida por opções ético – política ou em outras palavras é a consolidação de práticas que visam a libertação dos seres humanos. Percebe-se na filosofia dusseliana uma refutação das posições filosóficas aéticas, pois elas ficam apenas na ideologia.

A intelectualidade analética só é concreta se for centrada na afirmação da vida. O saber intelectual e todos os valores humanos primeiramente devem ser justos, bons e eticamente corretos sendo jamais medidos apenas pela lógica ou pela eficiência, mas sim verdadeiramente pela humanização que promoverá a defesa, o resgate e a afirmação da vida em todos os aspectos.

Submetido em março de 2015.

Aprovado para publicação em junho de 2015.

REFERENCIAS

DUSSEL, Enrique D. **Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Filosofia da Libertação**. São Paulo/Piracicaba: Loyola/UNIMEP, 1976.

_____. **Filosofia da Libertação: crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Método para uma filosofia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Para uma Ética da Libertação Latino-Americana**, v. I,II,III, IV e V, São Paulo: Loyola, 1980.

_____. **Ética Comunitária**. Petrópolis, Vozes, 1986.

_____. **Caminhos da Libertação Latinoamericana**. 4 vol., SP, Paulinas, 1985.

_____. **Oito Ensaios Sobre Cultura Latinoamericana e Libertação**. SP, Paulinas, 1977.

_____. **1492: o Encobrimento do Outro**. Petrópolis, Vozes, 1992.

_____. **20 Teses de Política**. São Paulo, Expressão Popular, 2003.

_____. **Vivemos Uma Primavera Política.** In: Conferência proferida em 20.11. 2006 – nas Jornadas Bolivianas, terceira edição – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis. Tradução: Elaine Tavares.

_____. **Foro Social Mundial 2008.** Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=2ErUZWLbf3c> . Acesso em: 13/09/2015.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito.** Trad.: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2015.

_____. **Humanismo do outro homem.** Petrópolis: Vozes. 2006.